

Analizando e datando expressões brasileiras: F-O

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta alguns verbetes de expressões brasileiras, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

Palavras Chave: expressões brasileiras. uso, datação e sentido.

Abstract: This article presents some expressions of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

Keywords: Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

Expressões brasileiras, seu significado e datação

Este artigo é dedicado a comentar e, na medida do possível, datar a aparição em nossa imprensa de algumas expressões brasileiras .

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, no início do século XIX. Em cada citação (na qual manteremos a grafia da época), indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e o Estado da Federação do qual ela procede.

Fabuloso – alterações semânticas ao longo do tempo

Ao longo do tempo, podem ocorrer alterações semânticas e uma palavra adquirir sentido diferente, por vezes até contrário ao original. É o que aconteceu com “fabuloso”. “Fabuloso” passou de significar originalmente algo fantasioso, próprio de fábulas, para uma especialização no sentido de excelente, ótimo. Desde 1810, encontramos na imprensa “fabuloso” para falar de Hércules e de seres lendários como centauros ou sereias, mas também de revoltosos que ousaram incomodar

a Augusta Camara com um requerimento tão fabuloso [sem nenhuma base na realidade] a fim de verem se obtem aquillo, que os seus crimes e descritos na Provincia, por seus procedimentos e sua reincidencias, não tem podido obter (“O Amigo da Verdade” MG, 25-08-1829).

Na época seria perfeitamente cabível falar, por exemplo, de um “fabuloso fraudulento desvio de verbas” ou, referindo-se a uma cidade tão populosa e de rico comércio como Campos dos Goytacazes:

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br.

Parece fabuloso não existir hum so estabelecimento de hospedaria, huma só casa de pasto [restaurante] (“Ostensor Brasileiro” RJ, número 15, 1845).

Não é possível estabelecer a data exata em que “fabuloso” passa a significar praticamente só o que é bom e em elevado grau. Em 1941, a expressão ainda é usada para se referir a um grande mal (assim como é empregada a palavra “surreal” hoje), a exemplo de uma cliente que se queixa amargamente de, em vez de comprar novelos de lã da marca Sams, optou por adquirir o produto da concorrência:

A lã encolheu. É fabuloso! Julguei que fazia bom negocio comprando aquela lã baratinha (...), e agora o “sweater”, que era para o papai só servirá para o filho da minha irmã, que está para nascer! (“O Cruzeiro” RJ, 20-12-1941).

Seja como for, ao que parece, os anos 50 (atendo-nos à revista “O Cruzeiro”, sempre um bom termômetro para esses casos) marcam o fim do “fabuloso” negativo e a absoluta prevalência do “fabu loso” bom. Como – e aqui vai uma homenagem para a torcida da Lusa – os Leões da Fabulosa, a torcida organizada da Portuguesa de Desportos, criada em 1972.

(estar com a) Faca e o queijo na mão

Expressão tão antiga quanto a imprensa brasileira, indica que alguém tem domínio completo de uma situação e dispõe de todos os meios para realizar sua vontade. Sua primeira aparição se dá em “O Macaco Brasileiro” (RJ) no número 3, de junho de 1822, defendendo a causa brasileira contra os portugueses, às vésperas da Independência:

Senhor Lisboaeta, agradecemos-lhe todas as Partes que faz debaixo de huma solemne investida, como a Novatos; que nós estamos com a faca, e o quejo na mão, e as noticias ahi hão de carreira, para não aturarmos essas e outra mangações (...)

Fajuto

Houaiss afirma que veio a nós do lunfardo *falluto*: “pretensamente verdadeiro”, falso, falsificado etc.

Podemos datar a introdução dessa gíria no Brasil em 1958: suas duas primeiras incidências na BN indicam que em outubro desse ano era novidade (um dos artigos a grafa entre aspas e se vê na necessidade de explicar o termo).

No “Diário da Noite” (SP, 13-10-1958), o articulista “Cagliostro” dedica sua crônica ao expediente que o requintado Club Atlético Paulistano implantou para coibir a emissão de cheques sem fundo por sócios em seus salões de carteado. Além de limitar o valor dos cheques em cinquenta contos:

Se o cheque for “fajuto”, isto é se o cheque for devolvido (...) a direção do “Club” se reserva o direito de vender o titulo de sócio do emitente, cujo valor é, presentemente, cento e cinquenta contos.

Nesse mesmo mês, Jenny Pimentel de Borba, escreve em crônica para a revista “Walkyrias” (RJ, outubro de 1958)

[Certa vez, em Buenos Aires, em uma roda de amigos] eu dissera “fajuto” para definir alguém, conhecia bem o significado do termo portenho e não apenas o Embaixador [um ex-Embaixador da Argentina no Brasil], como demais pessoas ali reunidas, pediram-me que não o repetisse, petencia à gíria, significava falso, mas não ficava bem a uma moça repeti-la. Eu, porém, achava-a uma graça, uma lindeza.

Fala pelos cotovelos, tagarela, bisbilhoteiro

A expressão dá margem a diversas tentativas de explicação. Seja como for, registramos que é muito antiga em nossa linguagem. Sua primeira aparição na BN remonta a 1890 e, desde então tem sido muito usada, também na imprensa.

(...) a maior parte da gente lê pouco, entende menos, pensa mal e falla pelos cotovelos!
 (“Gazeta do Sul” SC, 15-03-1890)

Se “falar pelos cotovelos” coincide na BN com a República, “tagarela” existe desde sempre: na BN desde 1822:

Objecto detractor (...) és cobarde, tagarella e fujão.
 (“O Conciliador” MA, 09-10-1822)

“Bisbilhoteiro”, muito frequente na imprensa, é também antiquíssimo na BN:

saiba esse bisbilhoteiro politico, que gente mais esperta, e que não he da sua laia, renovou essa sediça questão.
 (“Diario de Pernambuco” 02-05-1837)

Falso racismo em expressões: feito nas coxas, criado mudo, disputar a negra, a dar com pau, criado-mudo etc.

Nada mais justificado do que banir de nossa linguagem expressões que tragam em si preconceitos. Mas, às vezes, os militantes exageram e incluem na lista de expurgo (não se pode dizer “lista negra”) de sua censura locuções inocentes, que foram vilipendiadas injustamente por pura ignorância e falta de critério científico dos denunciadores. O que, afinal, só tira força daquelas reivindicações legítimas, pondo-as no mesmo saco de inverdades insustentáveis do ponto de vista intelectual e até do bom senso. Por vezes, é querer procurar pelo em ovo ao investir contra expressões que contêm os adjetivos preto ou negro. Muitas são inocentes, como, por exemplo, a caixa preta do avião ou a tarja preta dos remédios. E – imagine-se o estardalhaço se a situação fosse a inversa – a faixa ínfima do judô ou caratê é a branca e a faixa preta é reservada aos mais exímios lutadores!

Neste verbete apontamos algumas das – mais ou menos – infundadas e dogmáticas interpretações.

Por ser pitoresco, começemos com um caso extremamente ridículo e que supera qualquer tentativa de caricatura e está da mais ínfima ausência de senso crítico:

Serra Negra. Parece incrível, mas o verbete do Wikipedia dedicado ao acolhedor município paulista do Circuito das Águas, traz – com absoluta seriedade! – como uma das três possíveis origens do nome da cidade:

A terceira hipótese vem da época da fundação da cidade, em que as toras de madeira eram desdobradas por dois escravizados, um homem e uma mulher, utilizando-se da serra trançador. O feitor dizia constantemente à escravizada “Serra, negra”.

([https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra_Negra_\(São_Paulo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra_Negra_(São_Paulo)). Atualizada em 18-09-2024. Acesso em 10-01-2025)

Só falta agora, uma ação de militância exigindo que se mude o nome da cidade, por sua “origem racista”. No caso, algo difícilimo..., caberia, digamos: “Serre, Afrodescendente, se quiser”?

O “Dicionário” da Bahia e a “Cartilha do Maranhão”

Em 2021, a Defensoria Pública do Estado da Bahia lançou seu “Dicionário” de expressões “racistas”, indicando como substituí-las: https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2021/11/sanitize_231121-125536.pdf. E a Universidade Federal do Maranhão, em 2022, publicou sua “Cartilha: O racismo presente nas palavras e expressões no português brasileiro”.

A título de exemplo, vejamos algumas expressões desses manuais:

Do “Dicionário”:

“A dar com pau”. Expressão originada nos navios negreiros. Muitos dos capturados preferiam morrer a serem escravizados e faziam greve de fome na travessia entre o continente africano e o Brasil. Para obrigá-los a se alimentar, um “pau de comer” foi criado para jogar angu, sopa e outras comidas pela boca. SUBSTITUIR por: Bastante.

Essa explicação fantasiosa, além do mais, não nos permite compreender porque, então, “dar com pau” significaria muito...

A expressão aparece na BN em 30-08-1845, no “Diário do Rio de Janeiro”. Em um desafio de bebedeira um dos contendores exclama:

– Aguardente a dar com um pau! Viva a fartura!

– Ponche a dar com um pau!

Desde então, a locução é frequente na BN, mas só no sentido de “muito” e nunca no imaginado modo de forçar o escravizado a comer...

Da “Cartilha”:

“Criado-mudo”. Era a pessoa escravizada que ficava em pé, ao lado da cama do dona da casa grande a noite inteira em silêncio, em geral, segurando água e objetos para servir os “senhores”. SUBSTITUIR por: Mesa de Cabeceira.

Puro disparate (basta que se tente imaginar a cena...).

Ainda da “Cartilha”:

“Feito nas coxas”

Antigamente, as telhas das casas eram moldadas nas coxas das pessoas escravizadas e cada corpo é diferente, as telhas não ficavam

no mesmo formato e, por isso, estariam malfeitas por ficarem irregulares e mal encaixadas. SUBSTITUIR por: Mal Feito.

O Livro do TSE

Em 2022, o TSE publicou um opúsculo: “Expressões racistas: por que evitá-las”, enumerando 40 expressões: (<https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/11048>).

Em alguns casos, o Livro acerta; em outros, erra ou arrisca-se, tomando como certo ou provável o que não o é. Em qualquer caso, duvidoso ou não, recomenda a exclusão da expressão de nosso falar.

Do Livro do TSE:

Disputar a negra. A expressão “disputar a negra” pretende fazer referência à derradeira partida de um jogo ou à rodada de desempate para definir a vitoriosa ou o vitorioso. A origem do termo, como em alguns outros casos, possui caráter racista e misógino.

No período da escravidão, homens brancos que possuíam pessoas escravizadas comumente se reuniam para disputas de lazer cuja premiação era a posse de uma mulher escravizada.

[De onde tiraram essa ousada e categórica afirmação!? E o que teria essa suposta prática (inverossímil, por que o dono da escravizada iria pô-la em disputa, se já a possuía? E o que essa fantasiosa disputa envolveria uma “melhor de três”, um desempate!?)

Há registros de que os feitores também realizavam disputas pelo direito de castigar as mulheres mais atraentes para que tivessem oportunidade de abusar sexualmente delas.

[Por que disputas, se o dono, se lhe aprouvesse, castigaria a escravizada e pronto? E o que mais essa fantasia teria que ver com a expressão em discussão?]

O uso da expressão deve ser abandonado, cabendo em seu lugar outros termos mais adequados, como “partida de desempate”.

É surpreendente do ponto de vista científico que – sem nenhuma base – se tome como certa a “explicação” dada e se pretenda banir a expressão.

Se a referida prática ocorria no tempo da escravidão, por que aparece por primeira vez na BN, mais de 40 anos depois da Abolição?

Veiga Miranda declarou que entregará os pontos, achando que não poderá em hipótese alguma, disputar a “negra” [note-se as aspas indicando a novidade da expressão] com o Sr. Mello Vianna. (“A Manhã” RJ, 12-12-1929)

Na década seguinte, a de 30, a expressão é assumida pela imprensa e, é claro, especialmente pela especializada em esportes.

Em vez da alegada ligação da locução com a escravidão (inexistente na BN), poderíamos aventar – sem maior convicção – outras hipóteses para a “negra” da expressão: como a bola 7 do snooker, a negra, muitas vezes decisiva numa partida. Ou alguma bola negra que desempatasse uma votação daquelas que se faziam (como no Senado italiano) com bolas brancas (do voto sim) e pretas (do voto não), ou a bolinha negra de algum sorteio ou roleta etc.

O Livro reconhece que é duvidosa a interpretação (dada acima) de “**criado-mudo**”, mas se recusa a suspender a censura da expressão:

Independentemente da origem da palavra, o simples fato de seu uso ser relacionado com a escravização de pessoas negras é justificativa suficiente para o abandono de seu uso vocabular, tanto mais quando há expressão mais fidedigna para designar o móvel: “mesa de cabeceira”.

Mas fica por provar que a injustificada afirmação de que o uso da expressão esteja relacionado com “a escravização de pessoas negras” (por que, então, a expressão não é “escravo mudo”?). O Livro deveria apontar-nos um único uso que fosse na imprensa com esse viés, mas desde que surgiu na BN, 11-12-1844 (no “Diário de Pernambuco) as centenas de ocorrências na mesma BN referem-se somente ao inocente móvel (ou a algum criado, não negro, carente do dom de falar...).

O Livro refuta também como falsa a interpretação “racista” de “feito nas coxas”, mas exige que se mantenha a censura da expressão, pois:

Ainda que não haja pleno consenso sobre as origens do termo [o Livro ao refutar categoricamente a interpretação “racista”, indicou o fato óbvio de que a origem da expressão “seria a descrição do ato sexual sem penetração”] o linguajar cotidiano costuma associá-lo ao trabalho da pessoa negra, algo de baixa qualidade, malfeito.

Assim, a expressão acaba reproduzindo uma ideia racista e merece ser abandonada, podendo facilmente ser substituída por outras que transmitam a mesma mensagem

Novamente, o desafio que lançamos ao Livro é o de encontrar uma única referência – das dezenas que há na imprensa brasileira – que endosse a afirmação de que “o linguajar cotidiano costuma associá-lo ao trabalho da pessoa negra”.

De minha parte, pude constatar que a expressão (abreviaremos por Fnc) só aparece na BN em 1969 (muito distante das supostas telhas dos escravizados...) e esse seu único registro nos anos 60, refere-se a “uns tantos marxistas Fnc” (“Leitura” RJ). Nos anos 70, Fnc são os cartolas do futebol (“Diário da Noite” RJ); tudo neste país é Fnc (Pasquim); o documentário “Canudos” de Ipojuca Pontes (“Tribuna da Imprensa” RJ); o Decreto-Lei 4680 da Auto-Regulamentação Publicitária foi Fnc (“Diário do Paraná” etc.

Percorremos diversas outras amostras e não demos com nada que abone a hipótese de que a expressão se refira ao trabalho de negros!

Fazer a caveira

Durante mais de 70 anos, de 1936 a 2008, “fazer a caveira” – falar mal, difamar – esteve presente na BN e desde então deu lugar a outras formas: “expor os podres”, “assassinar a reputação” ou – nesta nossa época de *haters* em redes sociais – cyberbullying etc. Em sua primeira aparição na BN em 1936, o articulista investe contra um determinado tipo de “caçador de emprego”:

esse tipo repulsivo que não arranja um lugar nem logra promoção sem “fazer a caveira” de outrem.

(“Correio Paulistano” 08-05-1936)

Bem ou mal (mal), pelo menos esse tipo de antigamente, tinha uma motivação para seu ato abominável, mas o que dizer dos haters de hoje, que pretendem, muitas vezes, somente ferir por ferir, fazer piada ou simplesmente pelo gostinho de sentir-se superior?

Fazer cera

Um fato plausível para a origem da expressão é o de que fazer cera é um processo lentíssimo para as abelhas. Nesse sentido, diz um estudo especializado – “Projeto Proteção às Abelhas” – da Câmara dos Deputados:

Cada abelha produz aproximadamente cinco gramas de mel por ano. Para produzir um quilo de mel, visitam 5 milhões de flores e, para produzir um grama de cera, consomem cerca de seis a sete gramas de mel.

(<https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturacao/raadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/ecocamara/noticias/bosque-dos-constituintes-projeto-protecao-as-abelhas>)

A Igreja celebra a abelha e sua cera. Em seu sesquimilenar *Praeconium Paschale*, longo e solene canto da liturgia da missa da Vigília Pascal, a Igreja faz, em dois momentos, o “Louvor da abelha”, precisamente pela produção da cera do Círio Pascal:

In huius igitur noctis gratia, suscipe, sancte Pater
laudis huius sacrificium vespertinum
quod tibi in hac cerei oblatione solemni
per ministrorum manus
de operibus apum, sacrosancta reddit Ecclésia
(Nesta noite de graça, aceitai, Pai Santo
Este sacrificio vespertino de louvor
Que vos apresenta a Santa Igreja
Na solene oblação deste círio,
feito pelo trabalho das abelhas,
pelas mãos dos seus ministros)



Foto: Vatican Media-Handout via Reuters

Sed iam columnae huius praeconia novimus,
quam in honorem Dei rutilans ignis accendit.
Qui, licet sit divisus in partes,

mutuati tamen luminis detrimenta non novit.
Alitur enim liquantibus ceris,
quas in substantiam pretiosae
huius lampadis apis mater eduxit.
(Agora conhecemos o sinal glorioso
desta coluna de cera, que uma chama de fogo acende em honra de
Deus:
esta chama que, ao repartir o seu esplendor,
não diminui a sua luz;
esta chama que se alimenta de cera,
produzida pela mãe abelha,
para formar este precioso luzeiro.)
(www.sendarium.com/2013/03/oracao-canto-do-exultet.html. Com
pequenas correções na tradução)

E na Vigília Pascal de 2012, o Papa Bento XVI pregou:

O Precónio, o grande hino que o diácono canta ao início da Liturgia Pascal, de modo muito discreto chama a nossa atenção ainda para outro aspecto. Lembra-nos que o material do círio se fica a dever, em primeiro lugar, ao trabalho das abelhas; e, assim, entra em cena a criação inteira (...).
(https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20120407_veglia-pasquale.html)

Independentemente da etimologia da expressão, ela é anterior ao próprio futebol no Brasil. Sua primeira aparição na BN dá-se em:

Ah! corja de madraços, de vadios!
Vocês estão fazendo cera, mandriões!
("A Pacotilha" MA, 10-08-1886)



<https://www.98live.com.br/esporte/esporte-nacional/o-pais-da-cera-tambem-gosta-de-um-esporte-vencer>

Fazer Fita

Desde o fim do século XIX, “fita” era a palavra usada para designar o que também viríamos a chamar – desde a década de 1910 – de “filme” (tanto uma como outra remetem ao suporte material da projeção de cinema, que em espanhol se diz “*película*”).

Desde 1910, com base nos exageros de encenação próprios do cinema mudo, surgiu a expressão “fazer fita” significando agir de maneira fingida, exagerada,

“dramatizando” uma situação: “não é dor de verdade, ela está fazendo fita”, “Neymar é fiteiro” etc.

Assim, em uma de suas primeiríssimas aparições na BN, diz o “Correio Paulistano” (10-08-1910), saúda a recém surgida expressão “fazer fita”, a propósito do fingido interesse dos políticos pela fervilhante e grave questão da qualidade da educação. O jornal comenta que a repercussão do tema é a única razão para o “entusiasmo” com que os políticos falam da reforma do ensino, questão pela qual não têm, na verdade, real interesse. Sem esse interesse oportunista:

Seria como uma dessas questões passageiras, que os políticos tomam repentinamente por thema, sem muito interesse, mas como o unico fito de fazer fita...

Fazer fita! Ahí está uma expressão nova, original e divertida, que devemos à civilização dos tempos que correm, para descrever um velho habito político: o da exhibição. Porque a verdade é que o cinematographo é uma invenção moderna, mas as *fitas* políticas e dos políticos, já há muito figuram e se desenrolam com maior ou menor pompa, neste vasto mundo.

Fazer o diabo a quatro

O diabo, ao contrário de Deus, é barulhento e espalhafatoso. Uma das mais profundas tiradas de João Guimarães Rosa sobre essa oposição entre o Altíssimo e o coisa-ruim, encontra-se logo no começo do Grande Sertão:

É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traçoeiro – dá gosto ! A força dele, quando quer – moço! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. A pois: um dia, num curtume, a faquinha minha que eu tinha caiu dentro dum tanque, só caldo de casca de curtir, barbatimão, angico, lá sei. – “Amanhã eu tiro...” – falei comigo. Porque era de noite, luz nenhuma eu não disputava. Ah, então, saiba: no outro dia, cedo, a faca, o ferro dela, estava sendo roído, quase por metade, por aquela aguinha escura, toda quieta. Deixei, para mais ver. Estala, espoleta! Sabe o que foi? Pois, nessa mesma da tarde, aí: da faquinha só achava o cabo... O cabo – por não ser de frio metal, mas de chifre de galheiro. Aí está: Deus... Bem, o senhor ouviu, o que ouviu sabe, o que sabe me entende...

Nesse mesmo sentido, está aquela passagem (I Reis 19: 11-13), na qual o próprio Deus avisa que vai ter com o profeta Elias. E o faz na “lei do mansinho”, no murmúrio de uma suave brisa:

O Senhor lhe disse: “Saia e fique no monte, na presença do Senhor, pois o Senhor vai passar”.

Então veio um vento fortíssimo que separou os montes e esmigalhou as rochas diante do Senhor, mas o Senhor não estava no vento. Depois do vento houve um terremoto, mas o Senhor não estava no terremoto. Depois do terremoto houve um fogo, mas o Senhor não estava nele. E depois do fogo houve o murmúrio de uma brisa suave.

Os grandes teólogos C. S. Lewis e Josef Pieper lembram que o silêncio é simplesmente inconcebível no reino de Satanás: o que lá impera é o famoso “barulho infernal” (Cf. <http://www.hottopos.com/mirand12/pieper.htm>).

Torna-se assim compreensível a origem da expressão “fazer o diabo a quatro”. O especialista francês Raymond Lebègue, em seu longo estudo sobre o Diabo no teatro medieval (“Le Diable dans l'ancien théâtre religieux” - Cahiers de l'Association internationale des études françaises, 1953²), comenta que nos *Mystères* medievais, as “*diableries*” vão tendo um papel crescente, e que frequentemente são agrupados em quatro: “*d’où le expression: faire le diable à quatre*” (p. 99).

Daí que, desde sempre em nossa imprensa – a primeira aparição na BN é de 1825 –, a expressão “fazer o diabo a quatro” indica: “grande balbúrdia, barafunda ou desordem” (Houaiss), como o diabo gosta.

Fazer uma média

A primeira aparição na BN é no “Diário de Pernambuco” (24 de dezembro de 1960) e fala de velado interesse do Governo em fazer uma média com a Oposição.

A definição que dá Houaiss: “procurar ser simpático, mostrando-se amável, agradável; insinuar-se junto a alguém” é acertada e, de fato, a expressão é usada assim, como já em sua segunda ocorrência na BN:

Os jovens corações católicos ainda crêem que nada melhor para atrair ou firmar um namôro do que fazer uma média com Santo Antônio.
 (“Diário Carioca”, 13 de junho de 1965).

Certamente, essa média com o Santo casamenteiro não consiste em fustigá-lo, pondo-o de cabeça para baixo, mas em agradá-lo com novenas e devoção. Mas a expressão pode conter em si também um componente implícito de equilíbrio, compensação ou desagravo: “uma média”. Como quando dizemos: “Demos uma bela gratificação de Natal para nossos funcionários da empresa, mas reservamos também alguma coisinha para fazer uma média com os terceirizados”. Ou quando o juiz expulsa um jogador de um time e depois fica procurando ocasião de expulsar alguém do adversário.

Quando o técnico Zagallo buscava um último jogador a ser convocado para a Seleção, o “Correio da Manhã” (RJ, 02-07-1971) comentou:

Tudo indica que Eurico, do Palmeiras, será mesmo chamado, não só pelas boas condições técnicas, mas também para fazer uma “média” com o Palmeiras, que não tem, no momento, um jogador sequer na seleção.

Festa de arromba

A expressão não surgiu como gíria da “Jovem Guarda”, com o enorme sucesso da canção de mesmo nome, de Erasmo Carlos, em 1965. Ocorre, sim, diversas vezes na BN já na década de 1850 e sua primeira aparição se dá no “Jornal do Commercio” (RJ, 19-11-1851):

². https://www.persee.fr/doc/caief_0571-5865_1953_num_3_1_2021#caief_0571-5865_1953_num_3_1_T1_0099_0000.

Depois que terminaram as novenas dos Remédios, que é a festa de arromba deste nosso Maranhão (...)

(não ser) Flor que se cheire

A gíria aparece na BN em maio de 1952. Difundiu-se rapidamente por ser o bordão de um personagem do “Balança mas não cai”, popularíssimo programa de humor da Rádio Nacional, e foi título também de marchinha de carnaval do ano seguinte. Em “A Noite” (10-06-1952), Nestor de Holanda, escreve um artigo sobre cada um dos muitos tipos do programa:

[...] Finalmente o “Balança” tem, agora, um novo tipo. É aquele que afirma, sempre, “Não é flor que se cheire”.

Este, porém, é inventado pelo Max Nunes [o criador do Programa]. Inventado, mas tem uma história. O conhecido produtor, certa vez, me perguntou:

– Vamos fazer uma marcha para o Carnaval?

– Vamos, respondi.

E ele:

– Tenho um bom motivo: “Não é flor que se cheire”.

Juntos, fizemos, então, uma marchinha cujos versos dizem isto:

“menina que fuma e que bebe

Que usa o Packard do doutor

Para ir tôda a noite ao Juá

Ao Leblon, seja lá onde fôr...

Não é flor que se cheire

[etc.]

Esta marchinha será lançada para o Carnaval de 1953. Como o motivo de Max Nunes é muito bom, é possível que apareçam outras composições com o mesmo tema. A original, porém, é esta. Dela é que saiu o “Flor que se cheire”.

A profecia se cumpriu. “O Carioca”, de 10-01-1953, traz as principais marchinhas para o carnaval de 1953 e, uma delas, se apoia no bordão de Max Nunes: “O Juca / Não é flor que se cheire”...

Assentada em tirada de programa humorístico e em marchinhas de carnaval, a expressão se consagrou no uso popular.

Fofocalizando

“Fofoca” surgiu na BN em 1956. E “fofocalizando” foi amplamente difundido pela coluna de Stanislaw Ponte Preta no jornal carioca “Última Hora” (e reproduzida em muitos outros jornais do país). A primeira aparição na coluna data de 29-01-1963. Só foi precedida na BN por uma modesta ocorrência, em 26-07-1959, na coluna de José Messias em “A Luta Democrática”.

Fora de série

“Fora de série” só se impõe como sinônimo de “excelente” no fim da década de 60. Afinal, a “distinção”, o “notável” é aquilo que se eleva acima do “ordinário”, “médio” e “mediocre”: “egrégio” (*egregius*) é literalmente “fora do rebanho” (*e, fora; grex, rebanho*), *outstanding*.

Mas “ser diferente” pode significar também o oposto: “especial” não é só a palavra dos enamorados, dirigida à (/ao) “mulher (/homem) da minha vida”, mas também quando se fala em “crianças especiais”. E temos também o caso daquela madame do rico bairro paulistano de Higienópolis, tristemente célebre por sua expressão: “gente diferenciada”.

Assim, temos em um relatório da Sociedade de Pediatria de São Paulo, questionando a terminologia “especial”:

Dia da “Criança Especial” – quando a terminologia faz a diferença

No dia 9 de dezembro é celebrado o Dia da “Criança Especial”. (...)

Quem são as “crianças especiais”?

(...) Os termos “criança especial” e “crianças com necessidades especiais” são utilizados dentro e fora da área da saúde para se referirem a crianças com deficiências, autistas e outras diversidades. Hoje, em 2023, essa terminologia é considerada imprópria, redutora, e até pode ser interpretada como uma forma de preconceito, ao fazer pessoas se tornarem especiais pelo seu diagnóstico e não pelo o que são ou o que fazem em sua trajetória de vida.

Discutir a palavra “especial” e outras terminologias, para o Núcleo de Estudos sobre as Crianças e Adolescentes com Deficiências da Sociedade de Pediatria de São Paulo, é algo fundamental, um ponto de partida, pois acreditamos que respeitar a pessoa com deficiência começa pela forma com a qual nos referimos a elas, pelas nossas atitudes diárias e pela luta contra todas as formas de capacitismo, que é o preconceito contra pessoas com deficiência. (...)

(<https://www.spsp.org.br/dia-da-crianca-especial-quando-a-terminologia-faz-a-diferenca/>)

E a polêmica da estação de metrô em Higienópolis em 2010:

Moradores de Higienópolis se mobilizam contra estação de metrô.

Grupo iniciou movimento no bairro central para impedir a construção da estação Angélica.

“Gente diferenciada”

Enquanto escolhe produtos na tradicional Bacco's Vinhos da rua Sergipe, cujo imóvel pode ser desapropriado pelo Metrô, a psicóloga Guiomar Ferreira, 55, que trabalha e mora no bairro há 25 anos, diz ser contrária à obra.

“Eu não uso metrô e não usaria. Isso vai acabar com a tradição do bairro. Você já viu o tipo de gente que fica ao redor das estações do metrô? Drogados, mendigos, uma gente diferenciada...”

(<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1308201011.htm>)

Também no caso de “fora de série”, tínhamos também a possibilidade de outros usos. Em um caso de bebês trocados em maternidade, diz a reportagem de “Manchete” (RJ, n. 604, 1963):

O caso dos meninos trocados

[Ao ser apresentada à mãe] A criança, bem mais morena que as outras [suas filhas], parecia-lhe tão estranha quanto o patinho feio da famosa história de Andersen. Enfim, podia ter sido um capricho da natureza, aquele menino fora de série, sem nada de comum com a família.

Mas, como dissemos, ao final dessa mesma década de 60, vai se impor o uso da locução como sinônimo de excelência. Um fator decisivo para esse uso – desde a década anterior – foi a sofisticação dos especiais protótipos de carros “fora de série”, lançados por variados fabricantes. A expressão como bordão, como sinônimo de alta qualidade, era usada em anúncios classificados de carros usados, já na década de 50.

A partir de setembro de 1968, houve uma massiva publicidade, em nível nacional, do requinte do Dominante da Telefunken, um “estereófono de qualidade fora de série”.

Assim, em 1970, a expressão praticamente já ficou reservada aos casos que se consideravam de excelência, como os craques da seleção tricampeã mundial!

(palavras consideradas) Galicismos no século XIX

No século XIX, a língua francesa tinha difusão internacional comparável à do inglês hoje. No Brasil não era diferente: citava-se em francês com a maior naturalidade e, muitas vezes, sem se dar ao trabalho de traduzir. Contra os abusos, insurgiam-se os puristas contra os galicismos, muitos dos quais irreconhecíveis hoje, parecem-nos palavras genuinamente nossas.

O que aconteceria se tivéssemos, por exemplo, proibido a palavra “futebol”, por ser anglicismo? Por conta dos puristas da época de sua fundação, em 1907, o famoso time sevilhano Betis tem, ainda hoje, como nome oficial, nada menos do que “Real Betis **Balompíe** Sevilla”...

Do mesmo modo, no séc. XIX, era criticado o uso de palavras como “detalhe”, “emoção”, “massacre” ou “rotina”, no caso, como galicismos. Se essa postura tivesse prevalecido, duas das mais famosas canções de Roberto Carlos seriam melhor intituladas como: “Minúcias” e “Abalos”! Selecionamos uma dúzia de galicismos execrados no século XIX.

Não se podia, por exemplo, usar a palavra “governanta” (do francês, *governante*):

Governante é galicismo indesculpável, havendo em português aia, ama, mestra etc.

(“Diário do Rio de Janeiro”, 21-09-1856)

O mesmo artigo proíbe “decepção” e “emoção”:

Decepção não é vocabulo portuguez.

Emprega-se em portuguez o vocabulo *emoção* para significar motim do povo, alvoroço. Com a significação de agitação de animo, aballo, é galicismo.

“Massacre” também está interdita:

Massacre é galicismo, que a nossa língua muito bem dispensa, temos no portuguez palavras, que optimamente correspondem a aquella.

(“Diário do Rio de Janeiro”, 18-02-1839)

“Rotina” é galicismo:

[Esta ordem do Govêrno] vai muito alem da rotina (perdoe o galicismo) em que, por via de regra, costumam jazer as administrações provinciaes.

(“Correio da Tarde” RJ, 31-10-1848)

“Instalar” também é reprovável galicismo (“Correio da Tarde” RJ, 30-08-1850).

“Avançar” é execrado por um autor:

[Frei Timotheo escreve] em linguagem tão bastarda e em portuguez tão viciado, usando do termo *avançar*, que é galicismo grosseiro.
 (“A Cruz” RJ, 07-02-1864)

“Detalhe” não é legítimo português:

Conspira-se, agora, em outros detalhes, com perdão do galicismo.
 (“O Horizonte” ES, 01-03-1885)

“Abordar” (no sentido de dirigir a palavra, interpelar):

[O soldado] Abordou-me. Esse abordou-me cheira-me a galicismo...
 (“Correio da Tarde” RJ, 08-01-1857)

“Evoluir”:

evoluem nunca foi, nem será portuguez, nem lingua alguma, um – de resto –, galicismo safaro, pelo qual quer tomar os ares de que é muito lido no francês.
 (“O Apóstolo” RJ, 15-03-1889)

“Comprometer”:

Comprometter, palavra condemnada [como galicismo] pelos puristas no sentido de arriscar, expor, etc. não pôde ser empregado na accepção que se lhe quiz dar n’esta phrase: “Arranhões que dolorosamente *comprometteram* a organização do 20 de Agosto”.
 (“Diario de Noticias” RJ, 22-12-1888)

“Conduta”:

A palavra *conducta* não é correctá, é galicismo escusado, por isso proponho a sua substituição pela palavra – procedimento.
 (“O Estado de Minas”, 17-12-1891)

“Reconhecimento”:

(...) a *medalha Paulino*, que tomou o titulo de – *reconhecida*, galicismo que nella se acha em vez de agradecido.
 (“O Grito Nacional” RJ, 05-08-1856)

(andar à / cair na) Gandaia

“Gandaia: o ato de gandaiar (no sentido de ‘procurar no lodo, no lixo’”; “vida de farrista, vida dissoluta” (Houaiss).

“Andar à gandaia” no século XIX na BN é andar a esmo, sem rumo, à toa; em alguns casos, com uma insinuação de andanças devassas...

Sois vós mesmos, que sendo um peralvilho, encheis as ruas de pernas e andando a gandaia (...) deixais os vestígios de vossas correrias e pegadas libidinosas.

(“Jornal do Commercio” RJ, 06-04-1851)

– Minha sobrinha não é da classe das raparigas desenvoltas que andam à gandaia.

(“Correio Paulistano”, 16-12-1864)

No século XX, o uso da expressão é raro e, a partir de 1960, inexistente na BN. Já “cair na gandaia” (“cair na farra ou em vida dissoluta” Houaiss) surge na BN em 1919 e vai se consolidando ao longo das décadas.

O momento é quase chegado, e com flores, musica e contentamento vamos cair na gandaia carnavalesca.

(“A Epoca” RJ, 21-02-1919).

Hei de vencer (... mesmo sendo professor)

Nos anos 60 (e também antes), era muito frequente o lema “Hei de vencer!”: afixado nos caixas de padarias, nas mesas de secretárias..., em toda parte.

O slogan foi lançado por Arthur Riedel, falecido em 1952. Incansável conferencista, que percorreu por 30 anos todo o país como apóstolo do otimismo, pioneiro da autoajuda (naquela época “auto-sugestão”), seu livro “Hei de vencer” – publicado postumamente no mesmo ano 1952 – recolhia algumas de suas preleções e consagrou essa expressão como um mantra nacional.

Hoje, o slogan e o próprio Riedel estão esquecidos, mas em 1976, “Hei de vencer” foi utilizado em outra expressão (esta com um tom irônico, crítico e lúdico), de enorme e explosiva difusão, e que foi muito utilizada como adesivo em vidros de carros: “Hei de vencer, mesmo sendo professor”.

Lemos no “Jornal dos Sports” (RJ, 24-10-1976):

“Hei de vencer, mesmo sendo professor”.

Será possível essa frase ter surgido do nada?

Ou será que [...] e prossegue falando das péssimas condições oferecidas ao magistério em nosso país].

E no mesmo “Jornal dos Sports” (RJ, 26-12-1976)

Um adesivo, espalhado em inúmeros carros, mostra como os professores, na sua grande maioria, encaram o próximo ano: “Hei de vencer, mesmo sendo professor” [e prossegue falando da falta de valorização desses profissionais no país].

Um ano e meio após seu surgimento, o slogan ainda estava em plena vigência: os classificados do “Jornal do Brasil” (RJ, 08-01-1978), ofereciam emprego que prometia valorizar os mestres:



Depois de alguns anos de imenso sucesso, a frase começa a decair. Um estudante de 12 anos escreve para o “Jornal do Brasil” (RJ, 14-09-1984):

Por que os professores ganham tão pouco? No meu colégio tinha até um professor que grudou no vidro do carro um adesivo dizendo: “Hei de vencer, mesmo sendo professor”.

Em 1991, o jornalista Paulo Fernando de Figueiredo, falando do “Dia do Professor”, ironiza dizendo que já não se vê o outrora famoso adesivo:

“[os professores] certamente venceram, porém, trocando de profissão” (“Jornal dos Sports” RJ, 13-10-1991).

Esse fim de ciclo do slogan é registrado também em “O Liberal” (PA, 1-1-1989), que, na seção de notícias curtas, o apresenta como novidade:

Em São Paulo, começam a aparecer carros com o adesivo: “Eu prefiro a Brunet...” [maldosa alusão à prefeita Erundina].

Já em Belém, o adesivo que chamava a atenção era este: “Hei de vencer, mesmo sendo professor”.

Lavar a égua

Utilizada para indicar “dar-se bem”, obter grande e retumbante êxito.

Como acontece frequentemente, circulam na Internet explicações fantasiosas (mais ou menos estapafúrdias) sobre a origem das expressões. No caso presente, encontramos a seguinte:

A expressão nasceu de um costume realizado pelos escravos, no período da grande exploração de ouro no Brasil. Alguns escravos utilizavam a crina dos cavalos para esconder e transportar pepitas de ouro até a fazenda. Ao chegar no local de destino, eles pediam para lavar o animal e assim recuperar o ouro, para comprar sua própria liberdade.

(<https://opabier.com.br/novidades/descubra-origem-das-7-expressoes-mais-faladas-em-joinville/>)

A expressão surge na BN em 1945. O Fluminense, que vinha de má campanha no campeonato, aplica sonora goleada no Bangu:

Resolveu lavar a égua nas águas do alvi-rubro.
 (“A Manhã” RJ, 24-10-1945).

Na verdade, a expressão vem do turfe e não está relacionada com “água”... Na época, as corridas de cavalos atraíam muito público e eram muito prestigiadas pela elite social e financeira.

Quando a corrida era vencida por uma égua, ao final, ela era festejada com um banho de champanhe. Assim, falando de Dulce, favoritíssima no Gande Prêmio, apesar dos fortes concorrentes nacionais e estrangeiros, diz uma coluna, em página inteira dedicada ao turfe:

Neste G. P. Brasil, devemos “lavar a égua”, no caso Dulce, com champagne.
 (“Última Hora” RJ, 02-08-1958)

Lenha na fogueira / água na fervura

Exemplos de força e de longevidade, essas duas metáforas muito expressivas para indicar acirramento / amenização de uma contenda, têm permanecido vivíssimas por 200 anos em nossa imprensa. “Água na fervura” surge na BN no “Correio Brasiliense” de 1820; “lenha na fogueira”, no “Farol Maranhense” de 02-01-1828.

(dos) Males o menor

Expressão que aparece – e muito frequentemente – já nos primórdios da imprensa brasileira e, quando surge, apresenta formulação mais longa:

[os homens de Estado] devm escolher dos bens o maior, dos males o menor.
 (“Império do Brasil” RJ, No. 71, 1826)

Mão na massa

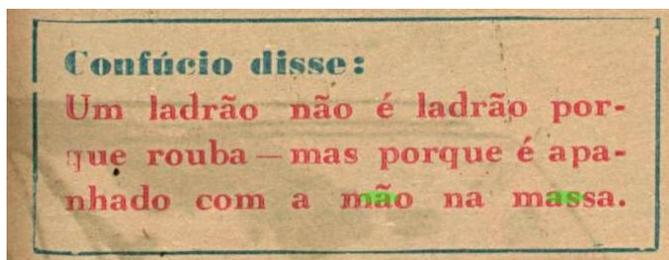
A expressão é antiquíssima e é empregada de várias formas, mas o uso de predomínio absoluto é o de fazer um ato na sequência, no embalo de outro congênere: “já que (alguém) está com a mão na massa”, equivalente ao “já agora” de Portugal.

Nesse sentido, aparece na BN já em 1823:

Como estou com a mão na massa, ahi vão mais uns pequenos milagres
 (“Correio do Rio de Janeiro”, 31-10-1823)

Em outro sentido, menos usual, a expressão indica “em pleno ato”, como em:

Tudo corre à corrupção, à ruína e á dissolução; e os que estão com a mão na massa gritão aos que estão de fora que as cousas não vão bem
 (“Astro de Minas”, 26-03-1829).



(“O Cruzeiro” RJ, 12-04-1947)

Em defesa de um policial injustamente acusado de corrupção, argumenta-se:

Por que [os delatores] não o surpreendiam com a mão na massa?
("Revista de Polícia" RJ, 1937, Ano XII, N. 4)

Pode ser usada ainda no sentido de "experimentar uma atividade, um trabalho etc.". De Berta Krupp, pioneira da gestão feminina, diz a "Revista da Semana" (RJ, 21-03-1931) que ela só pôde dirigir a célebre empresa porque:

teve de começar como simples operaria. Passou por todas as secções. Poz a mão na massa de todas as fabricações.

(acontece nas) Melhores famílias

Desde o começo do século XIX, fala-se na BN nas "melhores famílias", significando – é claro – a elite, os ricos. A primeira aparição dá-se, no "Correio Braziliense" de 1812, relatando que, na campanha napoleônica da Rússia, em Wilna:

Quatrocentos ou quinhentos estudantes da Universidade, acima de 18 annos, e pertencentes às melhores famílias, requerêram formar um regimento.

A expressão "Acontece nas melhores famílias" aparece já em 22-10-1921 em um conto da carioca "Revista da Semana". A moça pede perdão para o irmão por estar apaixonada por um rapaz que ele considera totalmente inadequado. O irmão a desculpa:

Perdão de que? Não é caso para isso... São coisas que acontecem nas melhores famílias...

Durante décadas a expressão é empregada nesse sentido de consolo e desculpa, até que começa a ser usada também em sentido humorístico e até ironicamente. Assim, em 27-12-1952, na coluna humorística "Pif-Paf" da famosa revista "O Cruzeiro", lê-se:

Confúcio disse:
Políticos são coisas que acontecem nas melhores famílias

Um fato curioso: sem perceber que a expressão é para consolo, atenuar algo negativo, disfuncional e impróprio, na década de 70 a rede Helal adotou "Acontece nas melhores famílias", como epíteto para suas lojas:



("Jornal do Brasil" RJ, 26-11-1974)

Com os novos tempos, que questionam o tradicional conceito de famílias “melhores”, a expressão tende a ser usada como mera frase feita, mais empregada em sentido irônico e até cair em desuso. De 2000 a 2009, “acontece nas melhores famílias” teve 148 incidências na BN; mas somente 10, de 2010 a 2019...

(um) Minutinho

O hábito brasileiro de dizer (verdadeira ou falsamente) “um minutinho”, como sinônimo de rapidíssimo, é antigo e clássico, aparece na BN já em 1895 (“Diario Fluminense”, 16-10-1895), em uma piada em que a senhora dirige-se ao guardião da praia:

- Vamos, banhista... estou já pronta.
- Espere um minutinho, minha gentil senhora. Quando a banhista é bonita eu prefiro que minha mulher não me veja... não pago tudo por junto em taponas e arranhões!

“Um minutinho” pode indicar também que é realmente um minuto mesmo, “de relógio”, como em sua primeira aparição na BN:

- Volto já
 - Quanto tempo te demoras?
 - Uma hora, quando muito.
 - Só?
 - Só!
 - Não me enganas?
 - Não te engano.
 - Olha, nem mais um minutinho, senão...
- (“Mephitopheles” RJ, No. 15, 1874)

Formas sinônimas são “um segundinho”, na BN desde 22-07-1940 (“Suplemento Policial em Revista” RJ) e “um momentinho”:

- Espera um momentinho, em quanto vou buscar uma capa para resguardar-me do frio da madrugada.
- (“Correio Paraense”, 27-01-1894)

Também a expressão “um instantinho” remonta ao século XIX. Espalhou-se pela imprensa com notável rapidez nos anos 1890 (mais de 60 incidências na BN, em 9 estados!), após surgir em “A Republica” (RJ, 29-07-1890):

Quando Alice estava presente, o negocio regulava-se em um instantinho.

Nariz – expressões (torcer / meter / um palmo adiante / saber onde tem / na porta / de folha)

Desde o século XIX, há na BN diversas expressões com nariz.

Torcer o nariz. Expressão muito antiga para indicar desaprovação: quando alguém torce o nariz é como se estivesse fazendo uma careta de desgosto.



A primeira aparição na BN é em “O Verdadeiro Liberal” (RJ), de 23-03-1826, informando da viagem do Imperador à Bahia:

O Mesmo Senhor tem tratado muito bem a todos, o que fez torcer o nariz a muitos.

Meter o nariz. Aparece na BN já em 25-08-1832 em “O Lagarto” (RJ):

Os Senhores Espiões, que não deixavam greta sem metter o nariz.

Admite complementos: “metter o nariz onde não compete” (“Periódico de Religião”, 1848), “onde não deve” (“Correio Mercantil”, 1850) e o clássico “onde não é chamado” (“O Globo” MA, 1853), entre outros.

Um palmo adiante do nariz. Também bicentenária na BN:

é curto de vista e precisa de luneta para ver um palmo adiante do nariz.
 (“O Sylpho” RJ, 17-09-1823)

Sabe onde tem seu nariz.

Outro fim não teve o Snr. Tavares quando se queixou do que mostrar que sabe onde tem o nariz.
 (“Gazeta Universal” PE, 09-03-1836)

(dar/bater com o) Nariz na porta. Encontrar fechado um lugar no qual se pretendia entrar.

o que poz, até o dia 25, o Dr. Octaviano no inferno de Tantalos, com o nariz na porta e sem poder entrar.
 (“Pedro II” CE, 11-06-1853)

Nariz de folha. Na BN desde 1874 (“Pindamonhagabense”), designava o penetra, que vai a uma festa sem ser convidado. Assim, em 28-10-1888, “O Mosquito” pede aos assinantes que não emprestem seu exemplar do jornal, pois:

Muita gente só gosta de ler *O Mosquito* de nariz de folha.

A expressão entra em declínio e no “Jornal dos Sports” de 03-09-1963, Vargas Netto escreve “Nariz de Fôlha”, explicando o significado dessa já obsoleta expressão: “antigamente (...) uma espécie de arte de frurar barreiras”:

Cada especialista em penetrar na festa dos outros chegava, numa alegria, numa intimidade, numa cordialidade de confundir os guardiães do templo (...) alguns chegavam à perfeição de trazer um presentinho.

Não vejo a hora

Instituições aparentemente menores atingem, por vezes, níveis profundos da Antropologia filosófica e por isso tornam-se arraigadas e definitivas. Foi o que aconteceu com a nova tradição (remonta aos anos 60 e 70) do “amigo secreto / oculto” das festas de fim de ano: ela permitiu que todos na empresa recebessem seu presente de Natal, sem comprometer o orçamento de ninguém.

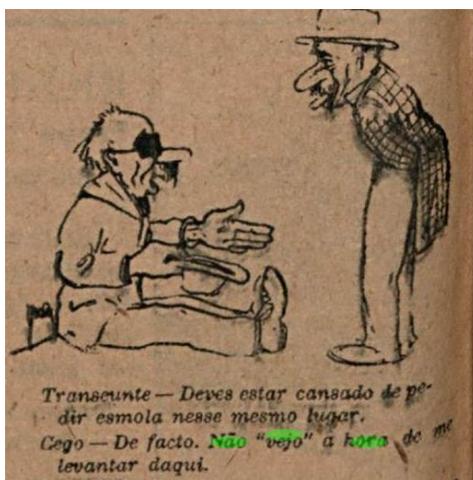
Do mesmo modo, os construtores de elevadores tiveram a sabedoria de perceber que a ansiedade da espera é atenuada pela visão do fim. E, assim, um visor indica a quem está, por exemplo, no térreo, em que andar está a máquina e a dinâmica com que desce: 18º. andar, 17º., 16º. etc. Sem essa informação, a espera seria muito mais penosa.

Sempre é um alívio ver alguma luz no fim do túnel. A pressão da expectativa nos leva a querer ver o fim, “ver a hora” em que, finalmente, nos livraremos de um mal prolongado ou reveremos a pessoa amada, ausente há tanto tempo etc.

Antes mesmo de que a hora chegue, ansiamos por ver que esta hora está chegando e, assim, “não vejo a hora” indica um especial sofrimento. Ao contar a parábola do filho pródigo (Lc 15, 11 e ss.), Cristo inclui o finíssimo detalhe de que, quando o pródigo retorna, o pai “avistou-o ainda longe”, insinuando que estaria todos os dias “aguardando” – também no sentido etimológico: de sentinela, “a guardar”, olhando (*guardare* em italiano é olhar) – seu retorno. Como também Egeu passava os dias sentado no rochedo, à beira do mar, “não vendo a hora” da volta (são e salvo?) de seu filho Teseu.

Também em Lucas (2, 25 e ss.), contemplamos o velho Simeão, que aflito por décadas, “não via a hora da salvação”, e ao contemplar o Menino Jesus no templo, vê que finalmente ela chegou, e proclama: “Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra, pois já os meus olhos viram a tua salvação”. Também sobre o consolo de “ver a hora” é a fala de Cristo sobre o patriarca Abraão: “Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se” (Jo 8, 56).

É com essa força antropológica que a expressão – mais do que centenária – “não vejo a hora” se estabeleceu em nossa língua (e no espanhol e no italiano). Infelizmente, sua primeira aparição na BN dá-se em uma piada de mau gosto, uma ilustração da revista “Fon-Fon” (RJ, 26-8-1922):



Transeunte – Deves estar cansado de pedir esmola nesse mesmo lugar.
Cego – De facto. Não “vejo” a hora de levantar daqui

Nem tanto ao mar nem tanto à terra

Essa antiga fórmula lusitana aparece na BN por primeira vez em 16-09-1841, em artigo no Jornal do Commercio (RJ), quando o autor rasgando elogios às virtudes de Frei Batholomeu dos Martyres, faz uma pequena ressalva, por conta de um exagero do prelado: “Nem tanto ao mar, nem tanto à terra”.

A expressão propõe o equilíbrio entre dois polos opostos: a segurança da terra e as demandas do mar a Portugal, com suas possíveis desgraças.

Sim, “navegar é preciso”; mas, por outro lado, estão as advertências do Velho do Restelo:

Oh, maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
 (“Os Lusíadas” IV, 102)

Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas
 (“Os Lusíadas” IV, 95)

Nervos à flor da pele

Este é um curioso exemplo de especialização em uns poucos usos de uma expressão originalmente empregada para inúmeros casos.

De fato, “à flor de” significa à superfície e na BN aparece por primeira vez em “O Sete d’Abril” (RJ, 05-03-1839) aplicada também à “paciência”. E permaneceu unida às mais diversas realidades, só vindo a especializar-se em “nervos (emoções, sensibilidade, paixões, sensualidade etc.) à flor da pele” recentemente.

Assim, para tomarmos como exemplo uma revista popular, a “Revista do Rádio”, ela traz de 1950 a 1956 as seguintes frases que se concluem com “à flor da pele”:

Um grupo musical que traz a bossa à flor...
Gente que tem o talento...
O fã mulher tem o sentimento...
Produtores têm os nervos...
Tem talento...
Mostra satisfação...
São artistas...
Tem sensibilidade...
Tem talento...
Tem sorriso sincero...
É um humorista...
É um artista...
São poetas...
Tem simpatia...
Tem sorrisos...
Tem sorriso...
Tem emoção...
Tem sensibilidade...
Tem simpatia...

Tem simpatia...
Tem sangue esquentado...
Tem os nervos...
Tem a felicidade...
Tem o coração...
Tem sensibilidade artística...
Tem sorriso...

Nos anos de 1957-1958 o uso parece especializar-se: há 7 incidências de “à flor da pele”, 6 delas referem-se aos nervos e 1 à sensibilidade!

Essa tendência se confirma nos últimos anos da Revista (1959 a 1970) das 17 incidências de “à flor da pele”, 7 são para os nervos e 5 para a sensibilidade.

Hoje, ninguém diria que alguém tem o sorriso ou a felicidade “flor da pele” ou que alguém é um humorista “à flor da pele”.

Novo em folha (novinho em folha)

“Novo em folha” é expressão antiquíssima em nossa imprensa. Sua primeira aparição na BN é no “Diário do Rio de Janeiro” de 17-05-1822:

Quem quizer comprar hum manto de cavalleiro, novo em folha, por preço commodo (...)

Também antiga é a forma “novinho em folha”:

Como estava novinho em folha, [dei-o (um lenço de pescoço) ao porteiro] para ir dá-lo em penhor por qualquer quantia.
 (“Novo Correio das Modas” RJ, 1854)

Não me parece convincente a explicação, muito frequente na Internet, sobre a origem da expressão: “baseia-se em folhas de papel brancas, limpas e sem amassados. Que são encontradas em livros novos ou recém impressos”. (p. ex.: <https://segredosdomundo.r7.com/novo-em-folha/>)

Considero mais plausível considerar que as embalagens antigamente – antes do plástico, filme pra embalagem, saco bolha e outros materiais modernos – eram folhas de papel de embrulho e, assim, os pacotes de encomendas chegavam “em folhas”. Tal como na língua espanhola, na qual “novo em folha” é “*nuevo de paquete*”. Na BN do século XIX, há dezenas de anúncios sobre: “folhas de papel forte para embrulho”, “folhas de papel forte duplo para embrulho”, “resmas de 400 folhas de papel de embrulho” etc.

Nunca o vi mais gordo

Essa curiosa expressão (mais gordo!?) surge na BN em 1878 e rapidamente se impõe. Está em um diálogo de Folhetim:

– O senhor sabe me dizer se o Carneiro veio neste paquete?
– Que Carneiro?
– O Carneiro da Silva.
– Nunca o vi mais gordo.
 (“Jornal do Recife”, 23-05-1878)

Muito cedo, surge na BN um complemento de reforço, que se repetirá muitas vezes no falar do povo:

V.S. não me conhece. Eu também nunca o vi mais gordo, nem mais magro.
("Revista Illustrada" RJ, N.167, 1879)

(nem) Oito nem oitenta

Mais um apelo à moderação e ao equilíbrio. A expressão aparece por primeira vez na BN em "A Tribuna" (RN) de 17-11-1900, a propósito da generosidade brasileira de oferecer a mesa ("franqueza") aos outros:

Na Europa despede-se ua visita à hora do jantar com toda a sem cerimonia.

Entre nós recruta-se o amigo que vai passando: Está na mesa!

Nem oito nem oitenta.

Se a extrema sumitacaria [sovinice] é ridícula, também a franqueza excessiva não deixa de trazer inconvenientes.

A fórmula 8/80 é absolutamente consagrada, mas encontramos alguma raríssimas tentativas de mudança, como a da "Revista das Estradas de Ferro" de 15-12-1934:

Pelo facto de não devermos devastar nossas florestas, não se deve concluir que dellas não nos possamos utilizar. *Nem sete, nem setenta.*

Ou a do "Jornal dos Sports" (RJ, 03-04-1979):

Também, não vou chegar ao absurdo de achar que no futebol moderno, está tudo errado. Nem nove nem noventa.

Recebido para publicação em 22-05-25; accito em 24-06-25